



Preservação. Imóvel não poderá sofrer alterações na parte externa, apenas nos boxes

VALOR CULTURAL
**Alerj aprova
tombamento
da Cobal do
Humaitá**

Moradores e comerciantes comemoraram a aprovação da lei que preserva o local e irá, agora, à sanção do governador. A Cobal do Leblon não foi incluída. **PÁGINA 15**

Sob ameaça de privatização, Cobal do Humaitá é tombada

Governo federal quer se desfazer do espaço, alegando que ele não é rentável. Unidade do Leblon ficou de fora de lei que governador ainda precisa sancionar

RENAN RODRIGUES
renan.rodrigues@oglobo.com.br

A luta de moradores do Humaitá para que a Cobal seja preservada — o governo federal avalia se desfazer da unidade do bairro e de outra no Leblon — ganhou o apoio dos deputados fluminenses. Ontem, a Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) aprovou um projeto de lei que tomba o complexo comercial, inaugurado em 1971 e que enfrenta, hoje, um cenário decadente. Diante da falta de manutenção, com infiltrações e fiação elétrica emaranhada, muitos comerciantes fecharam as portas. Os que ainda resistem comemoraram a nova lei, que ainda precisa ser sancionada pelo governador Wilson Witzel.

— A notícia caiu como uma luva porque a Cobal é o nosso quintal. Não é apenas um aglomerado de lojas, é um espaço do cidadão, onde as pessoas se encontram. Ele foi completamente abandonado pelo poder público — disse Vera Podiacki, de 70 anos, dona de uma cafeteria no local e que faz parte da associação de lojistas.

PREFEITURA PROTEGEU

Pela lei, de autoria dos deputados Eliomar Coelho (PSOL), Luiz Paulo Corrêa da Rocha (PSDB) e André Ceciliano (PT), o imóvel não poderá ser demolido nem sofrer modificações na parte externa. Apenas divisórias internas dos boxes e o gradil que cerca o terreno do imóvel não foram tombados. A Cobal do Leblon ficou, no entanto, de fora da preservação. Segundo Eliomar Coelho, a unidade, inaugurada em 1972, não foi incluída no projeto porque, segundo ele, já está desativada:

— A situação do Leblon é diferente, já está totalmente desativada, abandonada. No Humaitá ainda tem uma vitalidade econômica — defendeu Eliomar Coelho.

A Cobal do Humaitá já havia sido tombada pela prefeitura do Rio em novembro de 2011. Na época, o então prefeito Eduardo Paes editou um decreto em que protegia o centro comercial, e também o do Leblon, por

conta do “valor cultural das edificações e da importância de se preservar marcos culturais e arquitetônicos”. Em sua justificativa, Paes também lembrou que o projeto de arquitetura da Cobal foi premiado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil e determinou que qualquer intervenção física nos imóveis deveria ser previamente aprovada pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

No mês passado, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que administra a Cobal do Humaitá e a do Leblon, anunciou sua intenção de se desfazer dos imóveis, explicando que os espaços não são rentáveis para a União. Entre as ideias

em estudo, está o repasse da administração para a prefeitura do Rio ou para o governo do estado. Também há a possibilidade de revisão dos

contratos para entregar as duas áreas à iniciativa privada. A ameaça de privatização da Cobal mobilizou moradores do Humaitá e de Botafogo, que organizaram um abaixo-assinado contra a medida com mais de dez mil adesões pedindo que o local não fosse fechado.



Preservação. O imóvel no Humaitá que foi protegido: somente configuração interna dos boxes poderá ser mudada